

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: DISTANCIANDO PRECONCEITOS, APROXIMANDO APRENDIZADOS

João Maria de Castro Pontes¹

Cleberson Cordeiro de Moura²

dicastro.uabnatal@gmail.com

Resumo: A EAD personifica bem no seu processo histórico os avanços científicos e tecnológicos na área da educação. Entre estes avanços está a modernização da linguagem incorporada e estabelecida como força motriz da tecnologia que propicia uma maior abertura ao mundo da informação e da formação pessoal e profissional. Entretanto, a mesma tecnologia esbarra no acesso que muitos indivíduos não possuem quanto à linguagem dos meios, haja vista o custo muito elevado dessa acessibilidade que não oportuniza a continuidade ao que formalmente se aprendeu. O governo brasileiro conseguiu proliferar os cursos a distância dentro de um programa vertiginoso denominado Universidade Aberta do Brasil (UAB) e isso tem tomado um espaço preocupante no que concerne a credibilidade e a qualidade do que se oferece. Sabe-se que as propostas deste tipo de modalidade são antigas, mas no Brasil se intensificaram e só tiveram impactos relevantes a pouquíssimo tempo. Apresenta-se como objetivo desse artigo analisar as implicações práticas do cotidiano da EAD e o resultado dessas implicações no processo de ensino-aprendizagem. A metodologia aplicada é de natureza qualitativa de abordagem etnográfica utilizando da observação participante, na compreensão dos padrões culturais, desnaturalizando assim, as construções sobre educação, em ambientes que a priori podem incluir, mas podem se tornar excludentes. Essa metodologia permitiu a elucidação de resultados significativos. Dessa forma, três fatores essenciais definem a escolha de um curso a distância ou se tornam seus implicadores na hora dos resultados: 1º a credibilidade da instituição e legalidade; 2º a organização do curso, conteúdo e metodologia e atuação docente, bem como material; 3º o tipo de gestão e planejamento que lhe é aplicado e que já se pode ser notado na sua forma de funcionamento.

Palavras-Chaves: Educação, Ensino e Aprendizagem, Tecnologia, Informação e Comunicação.

¹¹ Pós-graduado em Educação, Pobreza e Desigualdade Social- Universidade Federal do Rio Grande do Norte- UFRN.

² Pós-graduado em Educação, Pobreza e Desigualdade Social- Universidade Federal do Rio Grande do Norte- UFRN.

INTRODUÇÃO

Presume-se que Educação a Distância (EAD) se depara com características peculiares que a desconfiguram dentro de um processo de ensino permanente como se vê no processo presencial: o acesso, a credibilidade, a concepção de docência e de discência, o papel da tutoria, a interatividade; estes são alguns aspectos que se não bem organizados tornam-se obstáculos constitutivos para a modalidade e ainda apontam interferências gravíssimas na modernização do ensino tão almejado, na concepção teórica que a permeia e na concepção de aprendizagem.

Nesse sentido, a existência apenas de uma demanda, não garante a esta ter como característica preponderante a formação permanente, porém, estabelece possibilidades para isso. Até porque os processos educacionais são complexos e envolvem uma série de competências e experiências que se dão ao longo da vida.

Enquanto modalidade de ensino, a EAD personifica bem no seu processo histórico os avanços científicos e tecnológicos na área da educação. Entre estes avanços está a modernização da linguagem incorporada e estabelecida como força motriz da tecnologia que propicia uma maior abertura ao mundo da informação e da formação pessoal e profissional.

Entretanto, a mesma tecnologia esbarra no acesso que muitos indivíduos não possuem quanto à linguagem dos meios, haja vista o custo muito elevado dessa acessibilidade que não oportuniza a continuidade ao que formalmente se aprendeu.

Contudo, como essa negação do acesso está muito presente também nos cursos de EAD que se projetam como o contraponto ao modelo tradicional e presencial de ensino e aprendizagem, obteve-se nos últimos anos uma democratização do ensino que trouxe consigo a linguagem tecnológica fazendo com que toda a comunidade internacional priorizasse uma política que atendesse a uma demanda a qual se negava o acesso aos meios presenciais de ensino.

Sendo assim, apresenta-se como objetivo desse artigo analisar as implicações práticas do cotidiano da EAD e o resultado dessas implicações no processo de ensino-aprendizagem.

Nesse ínterim, a EAD, então, é oficializada como uma modalidade cuja proposta pedagógica atende a este novo perfil de aluno estabelece uma nova concepção de docência e constitui as tutorias para auxiliar os campi virtuais, nas respectivas telessalas “presenciais virtuais”.

Enfim, além deste novo perfil caracterizado na modalidade a distância, outra preocupação ímpar a EAD é quanto ao marco teórico que a embasa, uma vez que estes cursos espelharam-se nos modelos fordistas industrializados e que ainda perduram com alguns resquícios.

METODOLOGIA

Dentre as metodologias qualitativas a abordagem etnográfica contribui, a partir da observação participante, na compreensão dos padrões culturais, desnaturalizando assim, as construções sobre educação, em ambientes que a priori podem incluir, mas podem se tornar excludentes.

Corroborando com o supracitado Gil (2010) acrescenta o seguinte:

A pesquisa etnográfica tem origem na Antropologia, sendo utilizada tradicionalmente para a descrição dos elementos de uma cultura específica, tais como comportamentos, crenças e valores, baseada em informações coletadas mediante trabalho de campo. (GIL, 2010, P.40).

Conforme o autor, essas inter-relações se acentuam, pois a pesquisa etnográfica descreve sociedades sem escrita desde sua origem, e difundida na contemporaneidade estuda sociedades complexas, daí atender áreas como a educação.

Entende-se, portanto, que pesquisar é pensar, filosofar, e abstrair do pensamento o sentido de apreciar a sabedoria, indagando, questionando, envolvendo, criando, elaborando, unindo no diálogo e na aplicabilidade a teoria com a prática, proporcionando, dessa forma, o aprender a aprender e o diálogo com a realidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Concomitantemente aos objetivos de uma modalidade presencial, o curso a distância deve capacitar o seu aluno a ir além da atividade intelectual, conferindo-lhe apoio e orientação necessária para evitar que este de fato não se distancie do aprendizado.

Inúmeros são os desafios do ensino a distância e entre estes a sua credibilidade, tendo em vista esta modalidade de ensino trazer outras relevantes situações-problemas intrínsecas a esta adjetivação da educação. Para contornar este problema requer que se pense em princípios, meios e fins que viabilizem qualidade nos cursos a que se propõe realizar e levar ao mercado

de trabalho a qualificação profissional para muitos excluídos dos processos formais de ensino.

Nesse sentido, o governo brasileiro conseguiu proliferar os cursos a distância dentro de um programa vertiginoso denominado Universidade Aberta do Brasil (UAB) e isso tem tomado um espaço preocupante no que concerne a credibilidade e a qualidade do que se oferece. Sabe-se que as propostas deste tipo de modalidade são antigas, mas no Brasil se intensificaram e só tiveram impactos relevantes a pouquíssimo tempo.

Apesar de a UAB ter sido criada e ser gerenciada pela Coordenação de Aperfeiçoamento do Ensino Superior (CAPES), coordenação ligada ao Ministério da Educação (MEC), esse controle perpassa pelas instituições parceiras da UAB, as Instituições Públicas de Ensino Superior (IPES), que fomenta projetos de curso para poderem lançar como oferta de formação inicial e continuada na modalidade a distância.

Contudo, não é apenas a UAB que oferta, visto que na esfera privada há cursos nessa categoria e que dispõe de vários mecanismos. No entanto, o que se questiona não é somente a projeção dos cursos, mas a qualidade do que é oferecido.

Dessa forma, três fatores essenciais definem a escolha de um curso a distância ou se tornam seus implicadores na hora dos resultados: 1º a credibilidade da instituição e legalidade; 2º a organização do curso, conteúdo e metodologia e atuação docente, bem como material; 3º o tipo de gestão e planejamento que lhe é aplicado e que já se pode ser notado na sua forma de funcionamento.

Com isso, fica evidente que o sucesso de um Curso a distância está na qualidade de seu gerenciamento, bem como de seu planejamento, pois segundo Cunha (2003, p.13) “Gerenciar uma escola significa planejá-la, organizar e dirigir suas atividades e recursos e controlar os resultados de forma a obter o almejado sucesso”.

À luz do exposto entende-se que o sucesso da EAD pauta-se na transparência de seu trabalho, na coletividade, adaptabilidade, nos objetivos e na avaliação. Entretanto, os conflitos preexistentes devem ser acordados, no entanto, as experiências já realizadas em EAD revelam certo despreparo em sua adoção. Dessas características que se organizam como implicações práticas estão como corrobora Fragale (2003):

- a) a falta de planejamento do que é produzido e do conteúdo trabalhado na sua transmissão, gerados da não adequação as novas mídias tão exigidas no mercado de trabalho;
- b) a ausência de um preparo maior no seu seguimento, ou seja, na sua continuidade;
- c) a dotação orçamentária com relação a dimensão de custos, pois observa-se que estes são altíssimos o que pode afetar tanto a quem oferta quanto a quem precisa;
- d) o controle (avaliação) que percebe-se muitas vezes inexistente ou muito incipiente;
- e) uma

descontinuidade dos programas devido a falta de planejamento; f) permanência de uma gestão sem a devida qualificação técnica. (FRAGALE 2003, p.54).

Todos esses elementos constituem as implicações práticas que originam outras, pois uma vez que o conhecimento é uma rede, tanto as experiências exitosas ou negativas influenciarão nos resultados. Mas que outras dificuldades são oriundas dessas implicações práticas?

Tais implicações estruturam-se na necessidade de uma gestão de qualidade tendo em vista ser de extrema prioridade para o sucesso de um curso a distância como para demais ramos no qual a educação é adjetivada. Isto requer a compreensão da qual o ato de gerir é uma transposição de ideias pensadas coletivamente primando pela inovação, participação, visão de futuro e de sonhos ambiciosos concretizados.

Portanto, gerenciar também é planejar de forma a não ficar preso no reino das lembranças, mas sim, no reino da memória que possibilita (re) ver avanços e permanências com perspectivas de se alçar voo pelo futuro afora.

Compreende-se que a gestão, bem como o planejamento, não são as técnicas do futuro, mas é o futuro das organizações que primam em ofertar um ensino e uma aprendizagem de qualidade.

E quando se fala na EAD, se fala de tecnologia aplicada e isto também requer direcionamento, implantação, controle e inovação para que o ensino a distância de fato personifique a sonhada educação permanente, objetivo ímpar dos que abraçam esta modalidade como vanguarda para a projeção da escola e do ensino de qualidade. Segundo Jameson (1996):

Os últimos anos têm sido marcados por um milenarismo invertido segundo o qual os prognósticos catastróficos ou redencionistas, a respeito do futuro foram substituídos por decretos sobre o fim disto ou daquilo [...] em conjunto, é possível que tudo isso configure o que se domina, cada vez mais frequentemente pós-modernismo. (JAMESON, 1996, P.27).

Estas meras formas da imaginação humana tomaram um molde e tornaram-se as formas elementares do que se constituiu como sociedade da informação na qual as exigências do mercado de trabalho materializam esses prognósticos, ao menos em seu discurso, como formas de inclusão/exclusão dos indivíduos para aumento e manutenção de mão-de-obra e o seu acesso à produção social resultado da herança filogenética e ontogenética da humanidade.

Entretanto, conforme afirma Preti (2002, p.84) “O importante é que se conceba a Educação a Distância como um sistema que pode possibilitar atendimento de qualidade, acesso ao ensino de 3º grau, além de se constituir em forma de democratização do saber”.

Entende-se com isso que a EAD deve proporcionar surpresas, uma vez que a demanda que necessita de acesso e de continuidade é imensa, mas, para isso é preciso que a história deste país mude, pois, se não é na sala de aula que se muda uma nação, esses auspícios de mudança não ocorrerão se não adentrar-se a ela.

Dessa forma, ou se penetrou em um novo conceito de sociedade ou ela se ressignificou. É sabido que conceitos individuais geram conceitos sociais e é nesse contexto que nasce a titulação de sociedade da informação e conseqüentemente a comunicação se aporta em todas as situações, pois, a linguagem é inerente ao homem. Este é um ser social mediado por diversos elementos e entre eles os de sua própria natureza.

O comportamento do indivíduo é impulsionado por inúmeras forças e entre estas está a linguagem, uma vez que sua função comunicativa melhor se projeta na articulação humana. Segundo Vieira (1992; p.41) “a linguagem, enquanto meio de comunicação intersubjetiva, nasceu nas condições de colaboração social entre os homens”.

Sendo assim a autora tece a ideia da qual se compreende que há comunicação presente em todos os espaços constitutivos das relações humanas e deste pressuposto entende-se a educação, na teoria como na prática, permeia uma relação retroalimentadora de dois processos complementares e que não são divergentes como outrora se mostrava nos paradigmas tradicionais que abordavam a área de educação separada conceitualmente da comunicação bem como da tecnologia. De acordo com Possari (2002):

[...] educar assume epistemologicamente as tecnologias de comunicação e de informação que garantem a temporalidade diferenciada bem como espacialidade não determinadas. Educar, assim, é instaurar uma prática de busca e compreensão dos processos constituidores de sentidos, comprometido com a estruturação da significação. (POSSARI, 2002, P.15).

Nesse sentido entende-se que no contexto da EAD a formalidade antes trazida pelas formas presenciais de ensino que exigem atores independentes como no caso do comunicador e do educador tem seu término ante o íngreme caminho que se atrela na formação de um ‘ecossistema’ (MARTINS, 2002) que coloca a conjuntura comunicação e educação num mesmo lugar acabando por constituir um processo indissolúvel chamado educomunicação.

Assim, a comunicação bem como a tecnologia passam a dialogar na tentativa de

atribuir sentido nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem tendo em vista sua junção passar a ter um componente didático-pedagógico.

Do presente instrumento, observa-se que os recursos utilizados e dispostos bem como as possibilidades de interação, interatividade, além de se tentar constituir uma linha de adequação entre propostas diferentes, permite o entendimento de que a educação é permanente mais as adjetivações desta homologadas nas suas modalidades seguem padrões diferentes e precisam estar bem alicerçadas para não falirem.

Partindo do pressuposto, o diálogo permanece como ponto essencial para a troca de saberes. Entretanto, apenas alguns entraves podem dificultar os processos educacionais e a estes se acrescenta principalmente a metodologia e os recursos.

Nesse sentido, a EAD incrementa personagens e situações também concretas de aprendizagem, além de ampliar as possibilidades de uma avaliação mais qualitativa e menos restrita como a que se encontra. O que mais impressiona é que a ideia inicial sobre educação como processo permanente está materializada nas modalidades representativas desse processo, uma vez que todo nome novo nada mais é, nesse âmbito, que adjetivações colocadas para a educação, e isso é uma realidade confirmada.

Percebe-se haver, contudo, um diferencial entre ambas as modalidades em estudo, mas, uma pergunta já se projeta: o sucesso de um curso presencial estaria em trazer para seu bojo aspectos abordados na EAD e que fazem desta uma realidade opositora das formas presenciais de ensino que tomam, como seu maior reflexo, os instrumentos tecnológicos e comunicativos como um aparato didático-pedagógico?

É preciso refletir e entender que essas questões práticas não cessam por aqui, no entanto, minimizam quando se têm em vista os aspectos positivos sobre o qual se passou a se basear a EAD.

Algumas características são importantes e traduzem pontos positivos que podem restringir essas implicações práticas, porém não as nega: o aprendizado personalizado, a elevada quantidade de opções comunicativas, o acesso universal, a independência da disponibilidade de tempo do usuário, administração da qualidade do conteúdo, baixo risco de equívocos na entrega do material digital, os critérios de avaliação e de aproveitamento diversificado e relativamente automático, a redução de custos, a socialização de experiências entre as instituições de ensino, liberdade de local e horário e maior força do trabalho coletivo (FRAGALE 2003).

Todos estes aspectos supracitados constituem aspectos positivos, mas, não negam as

implicações mencionadas que podem até ser suavizadas no decorrer de novas pesquisas realizadas por estudiosos nesse campo. Contudo, como diz Piaget (1986 *apud* FRAGALE 2003, p.49) “o pressuposto é que o conhecimento não advém nem dos sujeitos nem dos objetos, mas de suas interações”.

Da premissa em questão o processo é árduo e demorado e esse novo modelo deve estar comprometido com a diversidade e o pluralismo de ideias, que necessitam de novos espaços de aprendizagem mediados pelas tecnologias da informação e da comunicação.

Portanto, não há aprendizagem se não há possibilidades de desafio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Brasil vive um momento em que a sociedade tem consciência da importância de reivindicar e lutar por um projeto educacional que tenha consistência nessa modalidade bem como nos moldes presenciais do ensino.

Consequentemente, os sistemas mais abertos, flexíveis e ágeis estarão e poderão efetivar uma democratização não apenas do ensino, mas do acesso ao conhecimento.

Desta forma no discurso da política não haverá mais o conceito cidadania compartimentado e sim concretizado na íntegra. No entanto, para se vencer essas implicações é preciso que haja um esforço coletivo onde todos participem: escolas, universidades, e iniciativa privada em geral.

Contudo, a EAD é uma realidade e deverá estar integrada com escolas e universidades. O importante é que se comece a experimentar soluções plausíveis para crise estabelecida, para que se avance no âmbito de propostas curriculares viáveis a educação.

Entretanto, a discussão da educação é interminável e não ficará apenas em implicações entre os cursos presenciais e não presenciais. Porém, é inegável que a onipresença dos cursos semipresenciais se estabelece.

Infelizmente existe a ausência de debate com a sociedade para se definir um projeto educacional universalista. O desafio a ser enfrentado inclui a necessidade de se construir ambientes institucionais que exijam a participação civil de forma organizada para que contribua para um projeto que realmente revolucione a educação.

Contudo, as mudanças vieram e o papel da educação transformou-se exigindo o enfrentamento dessas implicações para se atender de forma qualitativa as demandas da sociedade do saber ou da informação.

Dessa maneira, as teorias cognitivas da aprendizagem, concluem que o aprender realmente é uma construção que se cultiva com esforço pessoal, mediação e desafio, pois o maior significado para o desenvolvimento intelectual e escolar é quando na sala de aula se possibilita oportunidade ímpar de abstração e reflexão.

Será a modalidade a distância a educação do futuro, ou o futuro das instituições de ensino? O futuro pertence aos alunos e professores digitais? Como efetivar um ensino mediado por um ambiente tecnológico? Será a educação a distância capaz de formar o professor e profissionalizar o ensino?

Essas perguntas não cessam de ecoar e o educador democrático, progressista não vê o futuro como um dado cronológico temporal inexorável e fatalista. A solução da crise em que se encontra o ensino é uma condicionante, mas não uma determinação dos fatos.

Portanto, se essas perguntas não foram respondidas, significa que este artigo não chegou ao fim, e não permanecerá por aqui, de certo terá continuidade, pois onde há educação, há ensino e onde este se encontra pode haver seres condicionados, porém, não determinados.

REFERÊNCIAS

CUNHA, J. C. da. **Gestão, Estrutura e Funcionamento em Educação a Distância** – Curitiba: IBPEX, 2004.

FRAGALE FILHO, R (org). **Educação a Distância: Análise dos parâmetros legais e normativos**. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

JAMESON, F. **Pós-modernismo**. São Paulo: Ática, 1996.

MARTINS, O. B. **Teoria e Prática Tutorial em Educação a Distância**. Curitiba: IBPEX, 2002.

MORAN, J. M. **Professor de novas tecnologias**. Artigo publicado na Revista Tecnologia Educacional. Rio de Janeiro, vol. 23, nº 12, Setembro – Outubro 1995, p.24 – 26.

MOSER, A. et al. **Tendências pedagógicas no mundo contemporâneo** – Curitiba: FACINTER, 2003.

MUNHOZ, A. S. **Tecnologias Aplicadas a Educação: Educação e tecnologia na sociedade da informação**. Curitiba: IBPEX, 2002.

PIAGET, J. 1986 In: FRAGALE FILHO, R (org). **Educação a Distância: Análise dos parâmetros legais e normativos**. Rio de Janeiro: DP & A, 2003

POSSARI, L. H. V. **Educomunicação: Recorte Metodológico** – Curitiba: IBPEX, 2002.

PRETI, O. **Fundamentos e políticas em educação a distância** – Curitiba: IBPEX, 2002.

VIEIRA, G. B. **A mediação da escola na socialização da criança: um estudo da abordagem Vygotskiana**. Natal, 1992. 102 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1992.